

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,  
Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,  
Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE



«... Incapaz já de bater-se, impotente já para gritar, o pobre caldeireiro, por cuja alma passava, naquele instante, a alma ansiosa, profética e doída da Revolução, ensopou os dedos no sangue que lhe golvava do pescoço, traçou na parede uma cruz, e por debaixo da cruz três palavras vermelhas que fulgiram e esplenderam:

**VIVA A REPUBLICA**

Da «Pátria Portuguesa» — Dr. Júlio Dantas.

## Viva a República!

«Depois fez-se a República e essa República fez-se de uma maneira admirável. Batalhou-se durante três dias, mas batalhou-se honrosamente e aqueles que pegaram nas espingardas, saíram dessa luta com as mãos tão puras de sangue que, voltando a seus lares, podiam tomar ao colo as crianças que encontravam no berço. Assim se fez a República, sem violências, sem vinganças e eu hei-de sempre lembrar-me, como de uma das horas mais felizes de minha vida, aquela em que como Ministro do Interior e, portanto, responsável pela ordem pública, saí pelas ruas de Lisboa para apaziguar, para evitar que algum dos inimigos pudessem ser maltratado por uma palavra, quanto mais por actos e actos de violência.

E do que se passava então pelas ruas não-de ficar testemunhos dignos de figurar nas páginas da história. O povo vibrava de entusiasmo sob a cúpula celeste, esbraseada ainda por uns restos de verão, mas salpicada pelas estrelas luminosas do outono, e eu presenciei uma noite de glória perfeitamente romana, como as noites triunfais da velha Roma cuja impressão chegou até nós pelas memórias dos grandes historiadores. Esse povo da Capital, entusiasmado e ardente, que meia dúzia de horas antes se batia como um leão, não fez um único gesto para matar ninguém, para assaltar uma casa, e quando eu lhe falava, quando eu o acariciava, esse leão popular, por assim dizer, subia por cima de mim, afagando-me, beijando-me, consciente da sua força e da sua magestade, certo de que a sua principal força estava no seu direito, na sua generosidade para com os vencidos».

**António José de Almeida**

22 / Setembro / 922.

CONVITE

A Comissão delegada dos republicanos do Concelho de Guimarães convida o povo republicano desta cidade a encorporar-se no cortejo que, pelas 16 h2 horas de hoje, se organizará na sede do Centro Republicano, e que ao Cemitério da Alfougua irá em romagem aos túmulos dos liberais, que a morte roubou ao nosso consócio, prestar sentida homenagem e desfolhar as pétalas da sua infinda saúde.

Guimarães, 5 de Outubro de 1930.

A COMISSÃO,

- Dr. Eduardo de Almeida
- Bernardino Jordão
- Dr. José Pinto Rodrigues
- Alberto Gomes da Silva Guimarães
- Capitão Manuel Henriques de Faria
- Luis Cândido Lopes
- Alfredo de Souza Felix

Democracia A República vive e viverá!...

A Revolução de Outubro de 1910 deu-nos uma lição grandiosa de civismo, porque foi impulsionada, orientada e levada até à vitória pelos princípios, — maravilhosos de beleza e sugestivos de magnanimidade — da Democracia.

Os homens, que a prepararam, a nenhuma outra coisa aspiravam senão a resgatar uma Pátria, escravizada e vilipendiada, fornecendo-lhe os meios de progredir e dignificar-se pela Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Lançados na propaganda dos seus ideais, o povo abraçou entusiasticamente os princípios republicanos, porque via neles a estrada luminosa do ressurgimento, a emancipação de tutelas degradantes e vexatórias.

A República tornou-se assim a aspiração constante da Nação, e foi por isso mesmo que, ao ser proclamada no glorioso dia de 5 de Outubro de 1910, foi recebida com as mais efusivas demonstrações de carinho e amor, de entusiasmo e enternecimento!

Niveladas as classes, garantidos a todos os mesmos direitos e responsabilidades pelos mesmos deveres, o povo português assumiu, enfim, a direcção dos seus destinos, consubstanciada na fórmula, tam altamente nobilitante e a única capaz de conduzir a humanidade às mais altas perfeições, — o governo do povo pelo povo.

A reacção, que não desarma, dirige novamente, e com desusada sanha, os seus torpes ataques contra a Democracia.

Traz dum passado de obscurantismo e opressão a essência das suas doutrinas, procurando revesti-las de roupagens aparentemente modernizadas, a fim de mais facilmente enganar os que lhes ouvem ou lêem as envicadas teorias.

Não querem outra coisa que não seja o poder pessoal, — como se isso não fôsse a maior afronta à dignidade humana —, os privilégios de classe, o espeznhamento do povo, a ignorância e a tirania!

Comemorar, portanto, o 5 de Outubro, e festejar a revolução gloriosa que implantou a República em Portugal, é um dever que sempre se impõe, mas hoje mais que nunca!

Proclamando, bem alto, o nosso amor à República, mostremos a esses cretinos, imbecis e maus que a Democracia não morrerá, porque o povo português, tendo por ela vertido o seu sangue, jamais, custe o que custar, deixará de a acarinhá-la e defender!

Viva a Revolução de Outubro de 1910!  
Viva a Pátria!  
Viva a República!

P. Francisco A. Almeida.

O movimento de 5 de Outubro não foi sangrento, porque na consciência dos monárquicos liberais há muito raiara a convicção de que a monarquia, que tinham servido, se desviara dos seus fins e traía as suas origens.

A facilidade com que se consumaram os factos, levou os homens que fizeram a revolução, não só a acreditarem nos monárquicos que aderiram sinceramente à República, como também naquela horda bronca e contumaz de admiradores e servidores da força bruta, concretizada no espírito absolutista do tempo do senhor D. Miguel, que se lhes atravancou no caminho, opondo-lhes as mais sérias dificuldades para a consolidação da República.

E assim... Chegou-se a um período, em que se julgou que a geração que fez a revolução não tinha sucessores, tal foi a audácia dos reaccionários, em lançar entre a gente moça, essa série de mentiras desenterradas dos campos históricos, denominada de inovação, e que nada tinha de novo, por serem velharias pintadas de fresco.

Mas, a Liberdade é o sol, e o progresso é a luz; por isso, nos tempos modernos, a mocidade jamais abdicará decisivamente do direito de ser livre.

Bastou que certos prenúncios, como experiências trágicas, iluminassem, com a lição do exemplo, os mais íntimos recessos dos propósitos libertecidas, para que a mocidade portuguesa regressasse, com decisão e alvoroço, às fileiras da democracia.

Os nossos receios foram mais passageiros, do que supuzeram aqueles que agiam por simples motivos de interesse ou ressentimentos pessoais.

Os homens que fizeram o «5 de Outubro» podem envelhecer e extinguir-se, porque já há para os substituir uma geração inteira que não deixará morrer a Liberdade, porque está nisso o seu grande amor à República e a sua fé num Portugal Maior.

Tenente Albano Cruz.

«Há muitos homens, que se deixam levar pelo prestígio das fórmulas e das palavras. Na política, então, é vulgar encontrar desses exemplares, seduzidos muitas vezes pelos termos, pouco sentido ligando à idéia, que eles pretendem exprimir».

Marques Guedes

A PROPÓSITO

Isto passa-se em todos os tempos e em todos os países.

\*\*\*

Os homens duma determinada ordem chamam aos homens que não comungam nas suas ideias elementos de desordem.

Os homens duma determinada ordem são sempre os «profiteiros» dos chamados elementos de desordem.

Há duas espécies de elementos de desordem: os que vencem e os que são vencidos.

Aos primeiros não faltam palmas e hossanas. (Palmas e hossanas que depressa se apagam). Mesmo até dos seus inimigos. Estes, logo nas primeiras horas, misturam-se com os triunfadores, bate-lhes palmadinhas amistosas nas costas e vão, cautelosa e manhosa-mente, ocupando as bancadas das primeiras filas donde mais facilmente podem estender a escudela ou, à falta de regente da orquestra, de um pulo tigrino, tomar a batuta e reger a função.

Os elementos de desordem que vencem, ideologicamente vão-se deixando ficar para traz, até que já não tem logar na sala ou dela são expulsos por algum porteiro ou archeiro da ordem que fundaram, mas que os outros, os eternos elementos da ordem, tomaram para si e a seu mvdo torceram e retorceram.

E, mais tarde ou mais cedo, são oitados ao ostracismo quando não pagam com a prisão e o degrêdo o crime de discordarem com a obra da nossa ordem.

\*\*\*

Muito peor acontece aos elementos da desordem que não souberam ou não puderam vencer.

Vae victis! Presos, insultados, cuspidos, vilipendiados, sendo-lhes negada toda a defesa e abafada a sua voz, pagam o enorme crime de desobedecerem (dentro da sua ideologia) a humanidade mais perfeita.

Pagam o enorme crime de gritarem bem alto a sua discordância e a sua revolta, lealmente, expondo a vida, ofertando-a.

Porque só estes são castigados. Os outros, os cobardes, os traidores de todas as situações, esses gosam da impunidade, bem estribados no seu maquiavelismo.

Desordeiros! revolucionários! gritam os homens da ordem, os mesmos que lhes bateriam palmadinhas amistosas nas costas se eles tivessem vencido.

Desordeiros! revolucionários! berram os canudos, os chamados órgãos de grande circulação (digestão), essa imprensa de balcão que encheria os seus fundos de extensos laudatórios se eles não tivessem perdido.

Desordeiros! revolucionários! barafustam dos pulpitos os clérigos barrigudos, vermelhaços e ignorantes.

Desordeiros! revolucionários! dizem em gritinhos históricos e esganados todas as marafonas e canastras dos paços reais e não reais.

Desordeiros! revolucionários! vozeiram em voz grossa todos os económicos, todos os veneráveis membros da venerável ordem dos traficantes.

Desordeiros, revolucionários!

\*\*\*

Dos inimigos, os vencidos já sabem o que os espera.

Estoica e serenamente assistem ao desencadear da tempestade de ódios que sobre as suas cabeças se formou.

Há uma só coisa que lhes doi e os magoa: a falta de solidariedade moral daqueles que tinham obrigação disso.

Estes, os correligionários das

CINCO DE OUTUBRO

Eu sou um idealista, um doido Sonhador  
Que ho trinta anos procuro o Sól da Perfeição!  
Quero aquecer minha alma em sua Luz d'Amor  
E ilumina-la, assim, pra sempre, num Clarão!

Eu não quero que tu, ó Povo Sofredor,  
Continues a ser o povo escravidão!  
Quero-te à luz do Sól, soberbo de esplendor,  
—O Homem libertado, aljim da escuridão!

Quero-te a soletrar comigo essa Cartilha  
Maior que um missal — esplendida e que brilha  
No mundo da Razão — chamada Liberdade!

Cinco de Outubro! O Sól vibrante e arredoio:  
Olha que o Povo sofre estremeções de frio!  
Dá-lhe o teu seio imenso em chama e claridade!

DELFIN DE VIMARANES

horas de triunfo, são uns autênticos biltres.

E na alma dos vencidos, por estes e só por estes, vai-se formando e firmando uma enorme onda de desprezo.

\*\*\*

Revolucionários, desordeiros! foram os homens de 5 de Outubro. Bemditos revolucionários! bemditos desordeiros!

Lógo, de aqui a horas, quando na Rotunda se hastear a Bandeira Rubra da Revolução, uma apoteose emocionante há-de cercar a vossa memória, oh! anónimos revolucionários de 5 de Outubro, oh! desordeiros mortais!

Ergue-la-há o povo heroico de Lisboa, aquele povo que grita bem alto a imortalidade da Republica, o povo que fez o 5 de Outubro e também subiu as escarpas de Monsanto. Viva a Republica!

Tenente Carlos Coelho.

Mais um ano

A data memorável da implantação da República em Portugal comemora-se, em todo o País, no próximo dia 5.

Faz 20 anos que um punhado de Heróis soltou o grito — Liberdade, Igualdade e Fraternidade, fazendo tremular ao som dos hinos da vitória a bandeira verde-rubra. Fazer uma República perfeita, isto é, fazer uma República sã e honesta foi o pensamento que presidiu ao acto de bravura dos seus fundadores, o qual continua a presidir ainda hoje à aspiração de todos os republicanos bons, leais, sinceros e honestos. E porque assim é, basta que todos estes republicanos se armem unicamente da perseverança e da lógica para que as suas ideias triunfem dentro da razão e da justiça, honrando-se assim a memória de todos os que concorreram com o sacrificio das suas vidas para a proclamação da República.

A União de todos os republicanos que tenham a preocupação de dignificar a Pátria e a República será a única recompensa para aqueles que no dia 5 de Outubro de 1910 tornaram vitorioso o ideal republicano.

2—Outubro—1930.

M. Menezes.

A JORNADA DE 1910

Há já vinte anos que os heróis da Pátria despertaram num clamor fervente de heroísmo. Foi em 5 de Outubro, aurora de redenção, moderna epopeia duma raça generosa! A República surgira majestosa e serena em Portugal, como houvera despertado já no coração dos portugueses.

Majestosa e serena!... Grande porque foi clemente, poderosa porque triunfou com lealdade. E a sombra daquele fraternal perdão medrou muito traidor, muitos «Judás» lhe deposeram o ósculo venenoso.

Ela, porém, triunfa com denodo através de todo um serpentear de calúnias e punhais.

Não obstante ser plebeia — a mais honrosa de todas as origens, a mais casta de todas as árvores genealógicas — é intangível na sua magnanimidade. Nem todo o raifeiro a morde.

Esta data será na História Pátria um ponto de referência, como início esperançoso e honesto dum outro Portugal, o Portugal do povo, o Portugal dos portugueses.

Sobre o sepulcro do passado uma legenda rememorando o que houve de bom e grande e um epitáfio cáustico reprovando o que houve de mau e gangrenoso.

Os mortos não voltam, mas é preciso amparar os vivos; e vivos são todos os que deixaram sobre a terra vestígios da sua passagem como exemplo salutar.

Porisso o 5 de Outubro será um momento de confraternização com todos os mártires da República; será sempre um eco formidável do heroísmo dessa manhã de outono.

Que a República absorve sempre e a longos haustos novo vigor e novas forças nessa data memorável eis em suma o que penso e sinto.

David Braga.

«Não se deixem nunca arrebatados por essas palavras de desânimo e descrença, que não traduzem absolutamente a verdadeira situação de Portugal. Não deem ouvidos a esses profetas da desgraça, a esses propagandistas de desânimo. Quando travamos as lutas da propaganda, quando ainda existia a monarquia, nós, os republicanos, usamos por vezes de linguagem veemente e as palavras sabiam-nos como estampidos formidáveis; mas entre nós não havia um sequer que puzesse o interesse nacional num dos pratos da balança em que por vezes se mercadejam as consciências; eramos veementes e por vezes ásperos na exaltação do nosso ideal, mas pondo acima de tudo o interesse da patria».

Antonio José d'Almeida

**Há que arripiar caminho!**

«A democracia é impessoal; não vê homens; vê ideias.»  
Magalhães Lima.

Ao comemorar-se o vigésimo aniversário do advento da República, relanceando o olhar para o passado, ouvimos e sentimos que para a retrogradação, condenada a morrer, uma única resposta se forma:

— Há que arripiar caminho! Verdade indestrutível, reveladora da altanaria moral que, como foi dito por Bruno, virá transportar-se da vida individual para a existencia colectiva, a sua exacta significação restituirá aos ânimos a confiança, a energia e a luz de que estão falhos, desde que todos estejamos dispostos a fazê-lo.

— Há que arripiar caminho! Proclamou-se o regimen republicano, criou-se a democracia, e, pelo que respeita à execução dos seus princípios, muito se torceu e retorceu, deformou e deturpou, provocando erros que só embaraços criaram e que ao Povo trouxeram desconfiança e desalento— a desconfiança e o desalento provocados por uma acção deletéria, dissolvente, declinada pelo individualismo.

Houve intenções nobres, praticaram-se virtudes, espargiu-se Liberdade, mas a mentalidade-instinto tornou impossível e insociável a estrutura democrática, fez baixar toda a concepção justa para tornar grande a propensão egoista e imoral, duma meia dúzia que se alçapremara em orientadora.

Inoculou vírus de intolerância, por vezes violento, e fez contagiar a pureza de ideal que produz verdade absoluta, realisação segura, conquista de espírito e motivo de felicidade.

— Há que arripiar caminho! E na verdade assim terá de se proceder...

Os factos, os exemplos e a oportunidade obrigam-nos a arripiar caminho, para maior homenagem prestar aos que, em 3, 4 e 5 de Outubro de 1910, se dispuzeram, com o risco da própria vida, ofertar-nos o sistema político que é indiscutivelmente o mais aperfeiçoado e aquêle que melhor se coaduna com a índole do povo português.

L. Coelho.

«Mas Portugal não é um cadáver. Apenas as reacções de vida que o agitam não se comunicam no tempo e ao seu organismo total. A vida dum povo é feita de esforços que se ligam e se continuam.»

Em Portugal sofre-se a ansia da liberdade. Está o mar próximo e nas almas anda a largueza dos vastíssimos horizontes».

Augusto Casimiro

Este número foi visado pela Comissão de Censura

**A Voz dos Republicanos Vimaraneses**

Conforme convite feito pelo jornal a «República», o concelho de Guimarães também se pronunciou sobre o que pensava na hora presente, sendo encarregado de o fazer o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Pinto Rodrigues, que substituiu o illustre republicano vimaranense, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Eduardo de Almeida, impossibilitado por falta de saúde. Dr. José Pinto Rodrigues é um novo, bem o sabemos, mas desempenhou-se á altura do encargo que tomou e conseguiu expressar o sentir dos republicanos sinceros, batendo a tecla da união republicana, e, de tal modo, que todos achamos acertada a escolha e o consideramos nosso representante legítimo.

«Na hora soleníssima em que se comemora a data mais gloriosa da Pátria, quando meditar sobre o passado equivale a colher proveitosas lições para o futuro, uma só coisa devem pensar todos os republicanos sinceros, todos os que desejam servir o Regimen com honradez e com dignidade: — que é absolutamente indispensável unirem-se, esquecendo mal entendidos, rivalidades e dissensões, hoje injustificáveis e sempre e só perniciosíssimas.

A República é indestrutível. Não nos esqueçamos, porém, de que os seus inimigos não desarmam!

José Pinto Rodrigues,  
representante dos republicanos do concelho de Guimarães

**União e Justiça**

A comemoração do 5 de Outubro deve ficar assinalada por mais um acto patriótico de todos os republicanos de verdade.

Chamamos republicanos de verdade áquelles que o são por princípios, e que, como tais, amam desinteressadamente a Republica.

Se há mais republicanos (e isso não causa surpresa, porque em tudo há bom e máu) façamos a devida justiça aos que o não são, e tenhamos neles (nos bons) a confiança precisa, de modo que os consideramos capazes de fazerem uma Republica onde caibam os desejos e aspirações, quer dos bons republicanos, quer mesmo daquêles que não estando ainda com a República podem vir a estar. E para que assim suceda, isto é, para que a República de amanhã seja uma Republica para todos os bons portugueses, é necessário, e até indispensável, que dêem aos seus adversários o exemplo de que estão unidos e prontos a dignificar a Pátria e a República.

Seja o próximo dia 5 o dia feliz da União da família republicana, e não sejamos nós, pobres e modestos rabiscadores de «A Velha Guarda», os iniciadores de tal ideia, mas sim a pena brilhante do grande vulto republicano, um dos mais valorosos e intemeratos lutadores da República, o nosso distintissimo correligionário Sr. Ribeiro de Carvalho. Fazer justiça á sinceridade e ao alto significado das suas palavras é cumprir um dever. E uma vez que falamos em fazer Justiça, devemos recordar o nome do nosso também distintissimo correligionário e illustre vimaranense Sr. Dr. Mariano Felgueiras, a quem a República e o Concelho de Guimarães muito devem.

Outubro de 1930.

**5 de Outubro**

A idéa de «A Velha Guarda» de, no dia de hoje, fazer um numero especial comemorando a gloriosa data de «5 de Outubro», é das mais felizes.

Evocar, no dia de hoje, os combatentes de há vinte anos, os heróis e martires que pela República se sacrificaram, dando á vitoria definitiva da causa santa da Pátria o calor da sua alma e o esforço do seu braço, é glorificar Portugal, vivo e imortal, nas suas virtudes mais altas.

Saudando a República no dia do seu aniversário faço votos para que ela seja amanhã uma realidade tam radiosa e humana, uma tam alta encarnação da Justiça e da Verdade, como nessa gloriosa manhã de 5 Outubro a visionaram, nas suas almas idealistas, no antesonho feliz do triunfo, aqueles que por ela se bateram.

Viva a Pátria!  
Viva a República!

Guimarães, 5 de Outubro de 1930.

D. Fraga.

**O meu diário**

Por Raúl Brandão

4 de Outubro de 1910. Mataram o dr. Bombarda. Espalha-se na cidade que foram os padres que instigaram um tenente a assassiná-lo. É falso, mas há correrias no Rossio e o Portugal foi apedrejado. Toda a gente se insurge contra o facto brutal—toda a cidade republicana se transforma num vulcão. No Rossio juntam-se grupos de gente taciturna e desesperada!—Mataram-no! mataram-no!—ouve-se.

A uma hora da noite o Machado dos Santos á frente dum bando de populares atira-se ao portão de infantaria 16.

Consta que o Almirante Cândido dos Reis se suicidou: consta que mataram o comandante da Guarda, o que é falso. Quem assassinaram foi um oficial e o comandante do 16. «Despachámo-los», segundo a frase cruel dum popular no Paiz.

A revolução esteve perdida. Houve um momento tão duvidoso que Cândido dos Reis se suicidou. Alguns oficiais fugiram. Pior: a casa donde saíram as ordens e onde estavam o Chagas, o António José de Almeida, o Eusébio Leão foi investida: saíram pelas trazeiras e nunca mais se puderam encontrar. Foi então que Cândido dos Reis disse consigo:—Vou acabar a noite numa esquadra. Prefiro morrer.

Do II Volume das «Memórias»

**CINCO DE OUTUBRO**

Salvé o dia 5 de Outubro! Salvé mil vezes salvé!

Eu te saúdo, dia 5 de Outubro; como o dia maior, o mais belo, o mais precioso, o mais memorável, da minha existencia.

E porque assim te saúdo, é porque és o Marco da Ventura, no porvir da nossa vida.

M. 1930 José Teixeira.

**AUTOPSIA**

A instâncias particulares, há dias foi feita a exumação do cadáver de Antonio Dantas Pacheco, morador que foi no lugar da Arcela e vitimado por ter tocado nuns fios de electricidade, em 21 de Junho de 1929, afim de ser autopsiada e verificada assim se pertenceria ao concessionário da luz a responsabilidade daquela morte.

Conhecida a autorisação, era voz corrente que indemnizações seriam pagas aos interessados, e cochichava-se até que o grão-senhor da Costa era quem mais se interessava pelo resultado da autópsia, deixando a descoberto o seu desejo de vingança contra aquele que, autorizado superiormente, lavou d'aí as suas mãos.

¿Que foi morto pela corrente d'alta tensão?

¿Mas, quem acredita na passagem dessa corrente pela Arcela, quando ela vai transformada?

¿Que responsabilidade cabe ao concessionário pelo facto de haver curiosos que se propõem a electricistas?

¿Onde a culpa, se a instalação está devidamente autorizada e se o concessionário não autorisa ninguém a substituir os seus empregados?

A ignorância é má e, quasi sempre, atrevida.

¿Para quê, afinal?  
Para se sujar e ficar de cara ao lado como réles que é.

**Dr. Oliveira e Sá**

De férias, já se encontra entre nós o querido amigo e distinto professor do nosso Liceu, Dr. Henrique de Oliveira Sá, republicano dum só carácter e duma só fé, e que em Guimarães gosa de geral simpatia.

Os nossos cumprimentos.

**«Reporter X»**

Sumário do numero 8:

1.º — «Os Discretos Miseráveis» — «Reporter X», em um formidável artigo, revela o que é em Lisboa a miséria e o crime discretos—As pequenas infamias em que ninguém repara mas que são moralmente tão degradantes como os grandes crimes.

2.º — «Como se faz a escravatura branca em Portugal» — Revelações verdadeiramente sensacionais do Reporter Mario sobre o trafico de brancas no nosso país—Como se iludem mulheres e se arremessam para a vida imoral das grandes capitais.

3.º — «O «Az» do crime» — Jack? — Diamond, autentico «az» do crime, passou em Portugal a caminho da América—Inesperadas revelações.

4.º — «O Marquês de Sagres» — Desmascara-se um pseudo-titular, autor de varias escroqueries, que pretendeu subornar o jornal «Reporter X», por 50 contos e caluniou varios outros jornais.

5.º — «Mademoiselle Tango» — A ultima revolução do Peru vista através de uma mulher formosa, que por ciúme, foi revolucionária — «Mademoiselle Tango» foi entrevistada em Portugal por um redactor do «Reporter X».

6.º — «Um Bairro Chinez em Lisboa» — «A Tragédia do Polo Norte» — T. S. F... X, e outros artigos profusamente ilustrados fazem deste numero do «Reporter X» um dos mais sensacionais.

«Pretender obstar a que o pensamento volte a ocupar-se de uma ideia, seria o mesmo que querer impedir o mar de voltar a humedecer a areia da praia».

Victor Hugo

**Dr. David d'Oliveira**

Acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Família, regressou da Póvoa de Varzim o nosso estimado col'aborador, velho republicano e illustre professor do Liceu Sá de Miranda, Dr. David d'Oliveira, que é muito estimado no nosso meio.

Os nossos cumprimentos.

**Alferes H. Guerreiro**

A Ex.<sup>ma</sup> Esposa deste devotado republicano e querido amigo, que atualmente se encontra em Briteiros, tem estado retida no leito com uma infecção intestinal.

O desejo de rápidas melhoras, são os nossos votos ardentes.

**Alberto Gomes Alves**

Da Póvoa de Varzim, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa e filhinho, regressou a esta cidade o nosso querido amigo e correligionário, sr. Alberto Gomes Alves, reputado agenciario desta cidade.

**Calçada... de gigantes**

Guimarães, que poderia ser um concelho digno da riqueza que encerra, nada tem progredido e muita razão dá a quem disser: «está perfeitamente na mesma como há 50 anos».

Vive uma vida de paz-pódre, uma vida que cansa e irrita os sistemas nervosos mais calmos.

Quando o progresso podia ter atingido o auge, constata-se que este é relentado, vagaroso, de passo de caranguejo.

Das iniciativas camarárias nada, ou quasi nada, téem resultado, limitando-se a gravar nas correspondências o estafado «que se pensa fazer!».

Por sua vez, as iniciativas particulares renegam tudo quanto lhes cheire a progresso visto que este se resume e simplifica no quadro a óleo que tenha entrada em algumas galeria de casa beneficente.

Pobre terra! Infeliz terra!

Quando tudo indica que o progresso é um «marcha em frente», tu, Guimarães, olhas o futuro com a mesmíssima desconfiança com que olhaste o pa sado—descrente, desiludida e opressa!

Pobre terra! Infeliz terra!

**Caleiros**

Chamamos a atenção para quem de direito, para o espectáculo vergonhoso dos caleiros róticos, lembrando que o inverno se avizinha e que não há o direito de sujeitar o transeunte a banhos de chuva, visto ter passado a estação balnear.

Reprima-se a inepcia dos senhores, senhores!

**O suor dos pés**

Fétido e nauseante, tomefacções e mortificação do calçado, cura-se com 2 ou 3 aplicações de

«TOPI-ZINA»

Usado e aconselhado por muitos médicos, é o único producto de resultados notáveis

e SEM INCONVENIENTES PARA O ORGANISMO.

Vende-se a 12\$00 em todas as farmácias

Envia, sem mais despeza, para qualquer parte:

CORREIA DE MELO  
Praça Municipal, 11 — Braga

# **Bernardino Jordão, F.<sup>os</sup> & C.<sup>a</sup>**

Representantes

da Sociedade Commercial Philips Portuguesa

Rádio :: Iluminação

Stock dos afamados óleos «EAGLOIL»  
da casa H. Vaultier & C.<sup>a</sup>

Agentes da mais antiga das Geleiras electricas  
para uso doméstico «KELVINATOR»

**Fábrica Manual de Calçado**

**Jordão & Castro, L.<sup>da</sup>**

**Fornecedores**

**das melhores casas do país.**

## **Banco do Minho**

**(Fundado em 1884)**

Capital: 8.000.000\$00

Fundos de reserva: 7.814.848\$07

SÉDE EM BRAGA

Filiais em Lisboa e Porto.

Agencia em Guimarães

**CORRESPONDENCIAS**

em todas as principais terras de Portugal e em todos  
os paizes da Europa e da América

Faz todas as operações bancarias

Encarrega-se da administração de bens,

liquidação de heranças, etc.

em qualquer parte do Brazil, ás taxas mais favoráveis  
para os seus Ex.<sup>mos</sup> Clientes